

O Coração das Trevas: Imperialismo, alteridade e a crítica romântica na obra de Joseph Conrad

Luisa P. Moratelli *

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v8i8p46-64

Resumo: O objetivo do trabalho é explicitar as relações entre a obra *O coração das trevas*, escrito por Joseph Conrad e publicado em formato de livro em 1902, com o contexto histórico do Imperialismo, bem como a crítica realizada por Conrad a este contexto. Dessa forma, serão discutidas as relações raciais entre colonizador e colonizado, as representações de europeus e africanos e as noções de alteridade presentes no livro. Para isso, em um primeiro momento será apresentado um breve resumo do romance, bem como de seu autor, para depois partir para a discussão acerca do fenômeno imperialista do final do século XIX e início do XX, que concerne tanto ao contexto de publicação de *O Coração das Trevas* quanto ao próprio enredo do romance. A partir disso, será aprofundada a crítica realizada por Conrad às práticas imperialistas e de que maneira ela pode ser enquadrada no pensamento crítico romântico. Por fim, tendo como base textos de autores africanos, será apresentada a crítica pós-colonial feita à obra, colocando autor e obra em seu contexto e apresentando o alcance e limites da crítica de Conrad. A análise da obra em conjunto com a bibliografia sobre o tema permitirá demonstrar que: a) é possível enquadrar a obra e a crítica de Joseph Conrad ao Imperialismo no Romantismo Resignado, conforme a definição de Lowy e Saire; b) essa crítica realizada por Conrad chega apenas até certo ponto, qual seja, a exploração colonial em si, mas não alcança as questões raciais, intrínsecas ao Imperialismo.

Palavras-chaves: Congo; imperialismo; literatura; pós-colonial; crítica romântica

* Graduada em História (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade Federal do Paraná. Tem interesse pelos estudos em História da África. E-mail: luisapmoratelli@gmail.com

O Coração das Trevas: Imperialismo, alteridade e a crítica romântica na obra de Joseph Conrad

Obra e autor

Joseph Conrad, nascido em 1857 na Polônia, foi, antes de se tornar um escritor, um marinheiro durante vinte anos. Ingressou na marinha francesa em 1874 e, após ser banido, ingressou na marinha inglesa em 1879, tornando-se um cidadão britânico em 1886. No ano de 1890, Conrad participou de uma expedição ao rio Congo inicialmente como capitão de um vapor belga, assumindo tarefas secundárias e posteriormente entrando em contato principalmente com o comércio de marfim. Além de viajar ao Congo, Conrad também esteve na Austrália e em algumas ilhas do Caribe, para em 1894 abandonar a carreira de marinheiro e dedicar-se à literatura. Suas viagens inspiraram seus romances, e a viagem ao Congo foi retomada na obra *O Coração das Trevas*.

Enquadrada no que pode ser chamado de romance colonial, a obra narra, através da metanarrativa, a história de Charlie Marlow e sua empreitada ao continente africano a bordo de um navio mercante belga – Marlow narra esses eventos do seu passado a colegas seus, a bordo de outro navio, *Nellie*, no Rio Tâmis. Ao chegar no Posto Central do Congo Belga, o personagem descobre que seu navio estava quebrado, e passa três meses o consertando para então sair para sua missão: resgatar o chefe do Posto Interno, sr. Kurtz, prodigioso comerciante de marfim, cuja condição de saúde – física e mental – estava péssima. Assim, Marlow narra sua viagem, as condições de vida no Congo, a empreitada imperialista e a exploração colonial, as relações entre colonizador e colonizado e a figura de Kurtz, uma representação da ganância europeia.

Imperialismo e o Coração das Trevas

A primeira fase do Imperialismo do século XIX e XX costuma ser colocada na baliza temporal de 1880 a 1935, tendo início poucos anos antes da importante Conferência de Berlim, que ocorreu em 1885. Apesar da ocupação europeia ter iniciado anteriormente com as primeiras investidas da França na região da atual Argélia, até os anos 1880 o território africano ainda era em sua maioria – pelo menos 80% – governado pelos seus próprios reis e chefes de clãs (BOAHEN, 2010, p. 3). Tal situação muda a partir deste ano, quando se iniciou uma rápida ocupação do território e instauração do sistema colonial, que dura até 1910 – período em que ocorrem “as mudanças mais rápidas, mais espetaculares e também mais trágicas” (BOAHEN, 2010, p. 2). Após 1910, tem-se um período de consolidação e exploração do sistema colonial.

Dez anos antes da baliza mencionada acima, em 1870, os europeus “descobrem” o Congo – ou mais especificamente, seu interior – e, através dos relatos das viagens de Savorgnan, de Brazza e Henry Morton Stanley, o território passa a compor o imaginário do Velho Mundo, tornando-se um objeto de agudo interesse político (WESSELING, 2008, p. 83). Esses exploradores africanos, um novo tipo de herói europeu, tornam-se as primeiras celebridades internacionais, e provocam uma grande comoção na Europa, insuflando uma “esperança de que a África se tornasse uma fonte de matérias-primas para abastecer a Revolução Industrial, da mesma forma como o continente fora a fonte da matéria-prima – escravos – que abastecer a agricultura as colônias” (HOCHSCHILD, 1999, p. 37). Conforme esses exploradores realizam seus relatos, o imaginário dos europeus é cada vez mais influenciado por essa ânsia da conquista, constituindo parte da “cultura imperial” europeia (SAID, 2011).

O Coração das Trevas: Imperialismo, alteridade e a crítica romântica na obra de Joseph Conrad

O Rei Leopoldo II, da Bélgica, país extremamente pequeno entre o Império Alemão e a França de Napoleão III, é um destes cujo imaginário é afetado por esses relatos. A pequena extensão de seu país faz com que, desde jovem, o rei dos belgas voltasse suas atenções para o exterior, sempre buscando oportunidades imperiais – tendo viajado para os Bálcãs, Egito, Índia, Birmânia, as Índias Orientais, entre outros. O objetivo e sonho de Leopoldo era compartilhado por poucos cidadãos e políticos belgas, pois existiam alguns empecilhos práticos a sua realização, como a inexistência de uma frota mercante ou marinha. Leopoldo não desistiu de seu projeto imperial e acompanhou de perto as expedições de exploradores no continente africano, “o lugar mais lógico para um aspirante a colonialista” (HOCHSCHILD, 1999, p. 52).

Esse contato com os exploradores influencia Leopoldo a convocar a Conferência Geográfica de 1876, em Bruxelas, cujo resultado foi a fundação da Associação Internacional Africana, de caráter filantrópico, que seria substituída posteriormente pela Associação Internacional do Congo (AIC). A filantropia foi percebida por Leopoldo como uma alternativa a seu objetivo imperial, já que suas intenções puramente lucrativas não tinham convencido os demais políticos belgas. Assim, através da Associação, que havia sido bem recebida em toda a Europa, Leopoldo cumpriria objetivos imperiais econômicos, através do disfarce da cristianização, da civilização e do combate à escravidão africana (HOCHSCHILD, 1999, pp. 53-56).

Dessa forma, Leopoldo direciona seu olhar para a região do Reino do Congo, lugar onde iria focar seus investimentos. Os europeus, porém, já haviam entrado em contato com a costa da região desde 1482, com a primeira expansão marítima

portuguesa. Ali se fixaram, ao longo dos anos, diversos assentamentos, que aumentaram em número no século XIX, sendo que diversos países estabeleceram empresas e postos comerciais de produtos agrícolas na costa e no delta do Rio Congo (WESSELING, 2008, p. 85). De acordo com Henk Wesseling,

O padrão comum era o de os europeus consolidarem suas respectivas esferas de influência na costa e depois estenderem sua autoridade ao interior. Com toda a probabilidade, teria sido esse o caso aqui também, se não tivesse ocorrido um fenômeno extraordinário: o surgimento, na década de 1880, do nada, por assim dizer, de uma colônia europeia no interior africano. Aí o rei belga, Leopoldo II, fundou, não como rei, mas como indivíduo privado, um estado cujas fronteiras conseguiu que as potências reconhecessem (WESSELING, 2008, p. 86).

Tal reconhecimento ocorre durante a Conferência de Berlim, cujos temas principais circundariam as intenções de Leopoldo no Congo. Assim, sem prolongar o debate acerca da Conferência, podemos apontar três resultados desta: a liberdade de comércio na bacia e no estuário do Congo; a liberdade de navegação no Congo e no Níger; a definição das formalidades a serem cumpridas ao se tomar posse de novo território na costa africana (WESSELING, 2008, p. 129). Com a presença de diversos países, a Conferência foi uma experiência de diplomacia multilateral, que “não se reunira para dividir a África, mas para abri-la ao livre comércio e à civilização, no espírito de cooperação e harmonia europeias” (WESSELING, 2008, p. 134). O processo de “partilha” da África, de delimitação de territórios e ocupação do interior, diferentemente, seria realizado por meio de diplomacia bilateral, de acordos estabelecidos entre países interessados nas regiões determinadas. Ao final da Conferência de Berlim, Bismarck recebe o reconhecimento da AIC sobre as resoluções realizadas, discursando: “o novo Estado do Congo é chamado a tornar-se um dos principais guardiões da obra que temos em vista, e eu faço votos a seu próspero desenvolvimento e à realização das nobres aspirações de seu ilustre fundador”

O Coração das Trevas: Imperialismo, alteridade e a crítica romântica na obra de Joseph Conrad

(BRUNSCHWING, 2004, p. 46).

Assim, podemos relacionar o contexto descrito acima com o discurso construído acerca desse processo imperialista, tendo como base a discussão apresentada por Edward Said, a partir da análise de produções culturais como os romances europeus do século XIX. Dessa forma, *O Coração das Trevas* pode ser considerado como um dos “discursos africanistas e indianistas, como foram chamados, parte integrante da tentativa europeia geral de dominar povos e terras distantes” (SAID, 2011, p. 9). Said vê nesses romances – incluindo o de Conrad – a presença dos discursos civilizatórios europeus e as noções de raças “submissas” e/ou “inferiores”, amplamente difundidas e aceitas no século XIX.

O imaginário colonialista se mostra presente na obra logo nas primeiras páginas. Marlow, ao iniciar sua narrativa aos companheiros do navio *Nellie*, resgata sua infância:

Ora, quando eu era menino, era apaixonado por mapas. Passava horas olhando a América do Sul, a África ou a Austrália, e me abandonava a todas as glórias da exploração. Naquele tempo, havia muitos espaços vazios na Terra e, quando via um que me parecesse especialmente convidativo num mapa (mas quase todos parecem assim), colocava o dedo em cima e dizia: ‘quando crescer, vou até lá’ [...]. Mas havia um – o maior, o mais vazio, por assim dizer – pelo qual eu tinha um anseio muito forte. A verdade é que naquela época já não era mais um espaço vazio. Havia-se enchido, desde a minha meninice, de rios, de lagos, de nomes. Havia deixado de ser um espaço vazio com um mistério encantador [...]. Tinha virado um lugar de trevas. Mas havia nele um rio, em especial, um rio extremamente grande, que se podia ver no mapa como uma imensa serpente desenrolada com a cabeça no mar [...]. E, enquanto eu olhava para o mapa do lugar numa vitrine de loja, ele me hipnotizou como uma serpente faz com um pássaro (CONRAD, 2002, p. 17).

Como Marlow, “ainda criança, Joseph Conrad sonhava explorar territórios desconhecidos. Os espaços brancos nos mapas pareciam cheios de possibilidades.

Ele apontava para regiões inexploradas da África e jurava que um dia haveria de visitá-las” (JOHNSON, 2013, p. 96). Mais uma vez, podemos traçar paralelos entre Conrad e Marlow. O imperialismo, hipnotizante como uma serpente, atrai autor e narrador para sua empresa.

Aliadas a esse imaginário “hipnotizante” temos as teorias psicológicas, “que comumente se classificam como darwinismo social, cristianismo evangélico e atavismo social, porque seus adeptos acreditam na supremacia da ‘raça branca” (BOAHEN, 2010, p. 24). Seja por uma crença distorcida na evolução das espécies, por um ímpeto missionário ou por justificativas sociológicas de um desejo pelo domínio, o argumento civilizador e o “fardo do homem branco” se fazem presentes ao longo de *O Coração das Trevas*. O fardo estaria, então, relacionado à primitividade da terra e do povo africano, e a missão seria retirá-lo dessa situação, levando-o ao nível europeu de desenvolvimento. Na obra, podemos ver isso através de uma fala da tia de Marlow, que, ao lhe conseguir uma oportunidade na África, “falava de ‘libertar aqueles milhões de ignorantes de seus modos repulsivos” (CONRAD, 2002, p. 23).

O sistema colonial, então, devia girar em torno dessa ideia. Além do objetivo comercial – no caso do Congo, da exploração do marfim e, depois, da borracha – toda a estrutura deveria estar relacionada à missão civilizadora: “cada posto deve ser como um farol na estrada apontando para coisas melhores, um centro de comércio, claro, mas também de humanização, aperfeiçoamento, instrução” (CONRAD, 2002, p. 53). Discurso que supõe primazia e centralidade do Ocidente, colocando-o como paradigma absoluto e totalizante, aplicável a todos os povos e contextos (SAID, 2011, p. 61). Esse aspecto será retomado mais à frente, quando for abordada a crítica pós-colonial feita ao romance.

O Coração das Trevas: Imperialismo, alteridade e a crítica romântica na obra de Joseph Conrad

Dessa visão de uma missão civilizadora surgem as relações de alteridade entre europeus e africanos nativos. Para além de uma sujeição à superioridade branca por parte dos nativos, os europeus são colocados como responsáveis por esses outros indivíduos. São seus tutores, seus guias, rumo à civilização. No romance, isso fica evidente em diversos momentos, mas dois, em especial, chamam a atenção. O primeiro, quando Marlow faz um “elogio” ao foguista do seu vapor. O africano retira-se de seu lugar “selvagem” e assume uma função “útil”, prestando serviço ao europeu colonizador, que, claro, o treinou:

E, de vez em quando, eu tinha de procurar o selvagem que era foguista. Era um espécime melhorado; sabia acender uma caldeira vertical. Ficava ali, abaixo de mim, e dou minha palavra, sua visão era edificante como a de um cachorro metido numa paródia de calções e chapéu de pluma, andando sobre as patas traseiras. Alguns meses de treinamento bastaram para aquele sujeito realmente excelente. Ele olhava de soslaio para o manômetro e para o medidor do nível da água com um esforço de intrepidez evidente – e tinha os dentes limados, também, o pobre diabo, e a carapinha de sua cachola raspada em padrões estranhos e três cicatrizes ornamentais em cada bochecha. Podia ter ficado aplaudindo e batendo os pés no chão, na margem, mas ali estava ele trabalhando duro, escravo de uma bruxaria desconhecida, cheio de conhecimentos úteis (CONRAD, 2002, pp. 58-59).

Em outro momento, após um ataque dos nativos, o assistente de bordo de Marlow, um nativo, é atingido por uma flecha e morre. Esse evento ativa no europeu um sentimento de culpa e responsabilidade pelo rapaz, e até mesmo uma relação de parentesco entre os homens:

Era uma espécie de sócio. Pilotava para mim – eu tinha de cuidar dele, me preocupar com as suas deficiências, e assim se criou um vínculo sutil do qual só tive consciência quando ele bruscamente se rompeu. E a profundidade íntima daquele olhar que ele me lançou quando recebeu o ferimento persiste até hoje em minha lembrança – como um direito de parentesco distante afirmado num momento supremo (CONRAD, 2002, p. 78).

É interessante pensar essas relações entre colonizador e colonizado a partir da obra de Albert Memmi (2007), na qual ele irá dissertar sobre a forma como o colonizador vê a si mesmo e como isso influencia na construção de uma imagem do colonizado. Segundo o autor, o colonizador que aceita a sua condição como tal se torna um colonialista – o que não o impede, entretanto, de tomar consciência da relação injusta que o une ao colonizado. Essa dupla tomada de consciência – de si e da relação injusta com o outro – o faz, segundo Memmi, “aplicar-se sem trégua à absolvição de si mesmo” (MEMMI, 2007, p. 92), absolvição que será realizada a partir do prolongamento da distância entre ele e o colonizado. Os aspectos do imaginário e da missão civilizadora se imbricam, então, na relação de alteridade, que opera uma “reconstrução ideal dos dois protagonistas do drama colonial” (MEMMI, 2007, p. 92), o conhecido e o exótico, o civilizado e o bárbaro. Dessa forma, “a situação colonial fabrica colonialistas assim como fabrica colonizados” (MEMMI, 2007, p. 93).

Esses três aspectos - o imaginário, a missão civilizadora e as relações de alteridade -, em especial os dois últimos, serão o foco da crítica realizada tanto por Edward Said quanto por Chinua Achebe, autores utilizados para abordar a crítica pós-colonial ao romance.

O Romantismo como tendência histórica e a noção de Progresso

Antes de partir para as análises de Achebe e Said, buscaremos explicar o conceito de Romantismo com a intenção de relacionar com essa tendência a crítica apresentada em *O Coração das Trevas*, que será abordada com maior cuidado posteriormente. É importante destacar que não se trata do movimento literário romântico, mas do romantismo como tendência histórica. Para isso, serão utilizadas as interpretações de Michael Lowy e Robert Sayre (2015) acerca desse fenômeno. De

O Coração das Trevas: Imperialismo, alteridade e a crítica romântica na obra de Joseph Conrad

acordo com os autores, o romantismo deve ser analisado levando em conta toda sua extensão e multiplicidade, com o objetivo de defini-lo como uma estrutura mental coletiva. Ele “representa uma crítica da modernidade, isto é, da civilização capitalista, em nome de valores e ideais do passado (pré-capitalista, pré-moderno). Pode-se dizer que desde a sua origem o romantismo é iluminado pela dupla luz da estrela da *revolta* e do ‘sol negro da *melancolia*” (LOWY e SAYRE, 2015, pp. 38-39).

Trata-se, então, de um fenômeno cultural, especificamente moderno, como resposta a um sistema capitalista generalizado, e que não se restringe ao campo da literatura, mas abarca também o aspecto político, filosófico e social, e da própria historiografia. Assim, o romantismo é uma visão de mundo baseada em uma crítica da modernidade – e uma autocrítica, já que é realizada por aqueles que estão inseridos nesse contexto – e da sociedade burguesa, capitalista e industrial, associada a uma nostalgia de um passado não capitalista. A crítica romântica à modernidade reage a cinco características principais dessa sociedade, quais sejam: a) o desencantamento do mundo b) a quantificação do mundo c) a mecanização do mundo d) a abstração racionalista e) a dissolução dos vínculos sociais. A crítica romântica acompanha o surgimento e o fortalecimento da sociedade capitalista, e por isso é encontrada em diversas expressões culturais e em diversos autores do Século XIX, período marcado por esse fortalecimento do capital. Entre essas expressões, a literatura e, novamente, não necessariamente relacionada com o movimento literário romântico, mas incluindo também outros movimentos.

Por conta desse caráter abrangente, os autores veem uma dificuldade em definir o fenômeno, e para solucionar essa dificuldade, desenvolvem uma tipologia –

definindo tipos ideais weberianos – para tentar explicar os vários tipos de romantismo, já que, segundo eles, não existe uma única tendência romântica. Lowy e Sayre apresentam seis tipos ideais de romantismo e os diferenciam entre si primeiro de acordo com o posicionamento adotado frente à sociedade capitalista; e segundo dentro do espectro político, da direita para a esquerda. São eles o romantismo Restitucionalista; Conservador; Fascista; Resignado; Reformador; Revolucionário e/ou Utópico (subdividido em diversas tendências: Jacobino-democrática, Populista, Socialista utópico-humanista, Libertária, Marxista). Não é o objetivo desse artigo dissertar sobre cada tipo ideal, mas sim atentar para o mais relevante na análise do romance *O Coração das Trevas*.

O tipo que nos interessa aqui é o “Romantismo Resignado”, apresentado pelos autores como a tendência mais comum aos romancistas do século XIX. Para eles, os românticos resignados são levados a concluir, “apesar de lamentar profundamente, que a modernidade constitui um estado de fato, ao qual é preciso se resignar” e aceitam, mesmo a contragosto, o capitalismo, realizando, porém, uma crítica intensa da civilização industrial (LOWY e SAYRE, 2015, p. 98). Esse romantismo pode, também, “dar lugar a uma visão trágica do mundo ou a uma ação reformista, cujo desejo é remediar alguns dos males mais flagrantes da sociedade burguesa” (LOWY e SAYRE, 2015, p. 98). Segundo Lowy e Sayre, “se incluem nesse tipo de romantismo muitos escritores cuja obra pertence ao que Lukács chamava de ‘realismo crítico’: Dickens, Flaubert, Thomas Mann” (LOWY e SAYRE, 2015, p. 98), ou seja, o movimento literário realista, no qual podemos enquadrar também *O Coração das Trevas*.

Para analisar a obra de Conrad, consideramos importante tratar sobre as noções de progresso do século XIX, para a qual tomaremos como base a obra de Paolo Rossi (2000). De acordo com Rossi, não é no século XIX que surgem ideias de

O Coração das Trevas: Imperialismo, alteridade e a crítica romântica na obra de Joseph Conrad

um desenvolvimento progressivo da natureza humana, mas é nesse século que se estabelece uma teoria do progresso que passa a ditar as leis da história. Ou seja, o progresso se torna um paradigma do desenvolvimento histórico no período. Alguns princípios regem esse paradigma, quais sejam: a história é regulada por leis que determinam os fenômenos individuais; o progresso é visto como lei da história; há ao longo do tempo um aumento da capacidade humana de intervir sobre o mundo e de conhecer o mundo; o progresso moral e político são dependentes desse aumento de capacidade; a luta é a mola do progresso. Porém, isso não quer dizer que a ideia de progresso seja a predominante no contexto: como vimos, o romantismo é uma das tendências que criticam essa sociedade burguesa industrial progressista. Dessa maneira, a crítica romântica na obra de Joseph Conrad se expressa principalmente através da crítica às noções de progresso do Século XIX, que influenciam a concepção de civilização e a empreitada imperialista.

A crítica de Joseph Conrad ao Imperialismo

Podemos apontar duas principais tendências interpretativas com relação ao livro de Conrad: uma que reconhece em sua obra uma crítica profunda ao imperialismo – que vê Conrad como um homem à frente de seu tempo – e outra que tem como prioridade apontar os traços de racismo na escrita do romance – e vê o autor como um homem de seu tempo. Nesse artigo, será priorizada a segunda interpretação, mas cabe mencionar rapidamente a primeira, a fim de poder apontar trechos na obra que se contraponham a esta. Para pensar essa tendência, será utilizado o artigo de Raquel Gryszczenko Alves Gomes (2008), que defende esse posicionamento com base teórica na obra de Hayden White e da “teoria pós-

moderna de práxis historiográfica', que 'tem propagado a ideia de que o procedimento correto de análise é o de 'tomar o texto pelo texto'. É uma análise que prima pelo linguístico, pelo sintático, pelo epistemológico" (GOMES, 2008, p. 10).

De acordo com a autora, Conrad apresenta um narrador que estava a par desse universo do "outro" africano, era sensível à ausência da lógica de mercado no território africano e reconhecia que o barbarismo não é inerente a esse território, mas àqueles engajados na exploração colonial. Assim, a linguagem utilizada pelo autor na obra tem o objetivo de se fazer entender no contexto europeu – é através da linguagem racista que Conrad procura tecer sua crítica ao imperialismo e a denunciar essa prática. Gomes defende que Conrad é um autor à frente de seu tempo linguística e ideologicamente, "uma vez que se engaja publicamente na oposição à ação imperialista europeia na África, no auge desta profunda articulação econômica, política e militar" (GOMES, 2008, p. 20). De certa forma, então, podemos aproximar essa defesa de Conrad como crítico ao imperialismo com o romantismo como foi definido acima.

Partindo para a nossa interpretação do romance, o que vemos em *O Coração das Trevas*, para além dos três aspectos que foram mencionados anteriormente, é realmente um posicionamento relativamente crítico do narrador Marlow – que pode, de certa forma, ser estendido ao autor, a partir dos paralelos estabelecidos entre eles – à situação em que se encontra. Ao longo de toda a obra, o Imperialismo é apresentado com um viés duplo, uma "via de mão dupla": é um fenômeno que deve ser criticado, mas também é um fenômeno que é necessário.

A conquista da terra, que significa, em grande medida, tirá-la de quem tem a cor de pele diferente ou o nariz um pouco mais achatado que o nosso, não é uma coisa bonita, quando examinamos bem. O que a redime é a ideia apenas. Uma ideia por trás dela; não um pretexto sentimental, mas uma ideia; e uma

O Coração das Trevas: Imperialismo, alteridade e a crítica romântica na obra de Joseph Conrad

crença altruísta na ideia – alguma coisa que você pode criar, venerar e oferecer sacrifícios a ela... (CONRAD, 2002, p. 16)

Marlow não ignora as mazelas do Imperialismo: “não é uma coisa bonita, quando examinamos bem”. Provavelmente seja esse o grande elogio feito à obra ao longo do século XX e que é retomado por Raquel Gomes, o reconhecimento do Imperialismo como um fenômeno negativo e a exposição, ao longo da narrativa, da exploração dos africanos, das más condições de vida. Um desses momentos é logo no começo da obra, quando Marlow chega ao continente e tece comentários sobre essa prática:

Um tilintar fraco de correntes às minhas costas me fez voltar a cabeça. Seis negros avançavam numa fila, galgando penosamente trilha. Eles andavam apurados e devagar, equilibrando pequenos cestos cheios de terra sobre as cabeças, e o tilintar acompanhava o ritmo de seus passos. Traziam nos quadris trapos pretos enrolados cujas pontas curtas às suas costas balançavam de um lado para outro como caudas. Eu podia ver cada costela, e as articulações de seus membros pareciam nós amarrados numa corda; cada um trazia um colar de ferro no pescoço e todos estavam interligados por uma cadeia cujos ventres balançavam entre eles retinindo compassadamente (CONRAD, 2002, p. 28).

Apesar disso, desse reconhecimento, há “uma ideia” que redime toda essa exploração, que pode ser compreendida como a ideia de progresso e a missão civilizadora. Como visto nos trechos anteriores que tratavam sobre o “fardo do homem branco”, a ideia de levar a civilização e libertar “aqueles milhões de ignorantes” está presente ao longo da obra. Essa “crença altruísta na ideia” permite a redenção da exploração.

Chinua Achebe, romancista nigeriano e importante pensador africano do século XX, vai tratar esse viés duplo apresentado por Conrad como uma expressão da tradição liberal inglesa. Essa tradição “requer que todos os ingleses decentes ficassem

profundamente chocados com as atrocidades na Bulgária ou no Congo do Rei Leopoldo dos Belgas ou qualquer outro lugar” (ACHEBE, 1988, p. 255)¹. Segundo Achebe, esse liberalismo toma diferentes formas na mente europeia, mas quase sempre deixa de lado a questão fundamental da igualdade entre brancos e negros (ACHEBE, 1988, p. 255). Há uma noção de parentesco, como apresentado anteriormente, que segundo o romancista também expressa essa tradição inglesa: os africanos são vistos como parentes, distantes e primitivos, e isso permite aos europeus a sua condução à civilização. Marlow afirma:

Era irreal, e os homens eram... Não, eles não eram inumanos. Bem, vocês sabem, isso era o pior de tudo – essa suspeita de eles não serem inumanos. [...] Mas o que apavorava era exatamente a ideia de humanidade deles – como a sua –, a ideia de seu parentesco remoto com essa gritaria selvagem e impetuosa. (CONRAD, 2002, p. 57).

Edward Said argumenta que se trata de um posicionamento ao mesmo tempo imperialista e anti-imperialista. Como abordado anteriormente, a centralidade e a primazia da Europa e do Ocidente, colocada como paradigma para todas as outras regiões, cria o sentimento de missão civilizadora. A Europa é a detentora da liberdade e da igualdade, e isso não se aplica às relações entre a Europa e os outros povos: a tese europeia, em oposição à antítese africana. A simultaneidade imperialista e anti-imperialista não é paradoxal, pois Conrad é “progressista quando se tratava de apresentar com destemor e pessimismo a corrupção autoconfirmadora e autoenganosa do domínio ultramarino” (SAID, 2011, p. 19), ou seja, o reconhecimento do Imperialismo tratado acima; e “profundamente reacionário quando se tratava de conceder que a África ou América do Sul pudesse algum dia ter uma história ou cultura independentes” (SAID, 2011, p. 19), ou seja, um sentimento de tutela e avanço

¹ Tradução própria, no original: “[...] which required all Englishmen of decency to be deeply shocked by atrocities in Bulgaria or the Congo of King Leopold of the Belgians or wherever”.

O Coração das Trevas: Imperialismo, alteridade e a crítica romântica na obra de Joseph Conrad

européu em relação à África.

Ao mesmo tempo, a crítica de Conrad se estende à ganância europeia e às suas ambições. Kurtz, comerciante de marfim na África e comandante do Posto Interno, que, ao adentrar tão profundamente no “coração das trevas”, perde completamente o juízo, enlouquece com o empreendimento imperialista e é idolatrado pelos nativos. Podemos compreender essa figura como uma materialização da ambição europeia. No Posto Central, Marlow tem a impressão de que “a palavra marfim pairava no ar, era sussurrada, suspirada. Podia-se pensar que estavam orando por ela. Uma epidemia de voracidade imbecil pairava sobre tudo aquilo, como a exalação de algum cadáver. Caramba! Nunca vi uma coisa tão irreal em toda a minha vida” (CONRAD, 2002, p. 38), demonstrando o anseio pela riqueza e pela exploração da colônia. No romance, por vezes parece que o problema maior é de que forma o imperialismo afeta os próprios europeus, como os torna gananciosos e os prejudica, e podemos pensar nisso justamente por meio da figura do sr. Kurtz. Achebe irá defender que a África é apresentada no romance como um pano de fundo, um cenário para a desintegração da mente de sr. Kurtz:

Qual é, em parte, o ponto. África como cenário e cenário que elimina o africano como fator humano. A África como um campo de batalha metafísico desprovido de toda a humanidade reconhecível, na qual o europeu errante entra em perigo. Ninguém pode ver a arrogância absurda e perversa em reduzir assim a África ao papel de adereços para o desmembramento de uma mente europeia mesquinha? Mas isso nem é o ponto. A verdadeira questão é a desumanização da África e dos africanos que essa atitude eterna promoveu e continua a promover no mundo. E a questão é se um romance que celebra essa desumanização, que despersonaliza uma parte da raça humana, pode ser chamado de uma grande obra de arte. Minha resposta é: não, não pode. Não duvido dos grandes talentos de Conrad [...]. Sua exploração das mentes dos personagens europeus é muitas vezes penetrante e cheia de discernimento. Mas tudo isso foi mais do que totalmente discutido nos últimos cinquenta

anos. Seu racismo óbvio, no entanto, não foi abordado. E já é hora! (ACHEBE, 1988, p. 256)²

Conclusões

A partir do que foi discutido, podemos enquadrar a obra *O Coração das Trevas*, de Joseph Conrad, com algumas ressalvas, dentro da crítica romântica definida por Sayre e Lowy, aproximando-se mais do que eles definem como “romantismo resignado”. Como os próprios autores defendem, existem algumas obras que não se encaixam perfeitamente na definição dada por eles, o que é característico da construção de tipo ideal realizada (LOWY e SAYRE, 2015, p. 86). O romance em questão pode ser um exemplo desses “desvios” da tipologia. Conrad não apresenta em sua obra uma “nostalgia do passado” tão expressiva – se é que ela está presente. Podemos pensar que o passado se faz relevante no que se refere à noção de primitividade dos africanos, mas se trata de um passado que deve ser mais ignorado do que resgatado, que deve entrar no caminho do progresso. O progresso, também, é outro aspecto que é criticado, por um lado, como uma ganância prejudicial aos europeus, mas que por outro lado é entendido como necessário, inevitável. Essa inevitabilidade do progresso é o que mais aproxima o autor da tendência “resignada”: a modernidade está concretizada, não há possibilidade de retorno ao passado – talvez aí a explicação para uma ausência da nostalgia que define o romantismo. Por

² Tradução própria, no original: “Which is partly the point. Africa as setting and backdrop which eliminates the African as human factor. Africa as a metaphysical battlefield devoid of all recognizable humanity, into which the wandering European enters at his peril. Can nobody see the preposterous and perverse arrogance in thus reducing Africa to the role of props for the break-up of one petty European mind? But that is not even the point. The real question is the dehumanization of Africa and Africans which this age-long attitude has fostered and continues to foster in the world. And the question is whether a novel which celebrates this dehumanization, which depersonalizes a portion of the human race, can be called a great work of art. My answer is: No, it cannot. I do not doubt Conrad's great talents [...]. Its exploration of the minds of the European characters is often penetrating and full of insight. But all that has been more than fully discussed in the last fifty years. His obvious racism has, however, not been addressed. And it is high time it was!”

O Coração das Trevas: Imperialismo, alteridade e a crítica romântica na obra de Joseph Conrad

fim, trata-se de uma crítica dentro de seu tempo, que pouco leva em conta as questões raciais e o racismo do período.

Por isso as obras de Said e Achebe se fazem importantes para trazer para o debate as questões raciais do imperialismo e evidenciá-las dentro da obra de Conrad, mostrando a existência de suas críticas, mas uma limitação nelas. Para Said,

A limitação trágica de Conrad é que, mesmo podendo enxergar com clareza que o imperialismo, em certo nível, consistia essencialmente em pura dominação e ocupação de territórios, ele não conseguia concluir que o imperialismo teria de terminar para que os 'nativos' pudessem ter uma vida livre da dominação europeia. Como indivíduo de seu tempo, Conrad não podia admitir a liberdade para os nativos, apesar de suas sérias críticas ao imperialismo que os escravizava (SAID, 2011, p. 72)

Sendo assim, podemos concluir que a obra de Conrad reconhece os males da exploração imperial, mas esse reconhecimento não o impede de escrever *O Coração das Trevas* a partir de concepções racistas, já que o autor, inserido nesse contexto, desconhecia o racismo como fator central dentro de empreitada imperialista.

Referências Bibliográficas

ACHEBE, Chinua. An Image of Africa: Racism in Conrad's 'Heart of Darkness'. In: CONRAD, Joseph; KIMBROUGH, Robert. **Heart of Darkness: An Authoritative Text, Backgrounds and Sources, Criticism**. Londres: W. W Norton And Co., 1988. p. 251-261.

BOAHEN, Albert Adu (Ed.). **História Geral da África Volume VII: África sob dominação colonial, 1880-1935**. Brasília: Unesco, 2010.

BRUNSCHWING, Henri. **A partilha da África Negra**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CONRAD, Joseph. **O coração das trevas**. São Paulo: Iluminuras, 2002. Tradução de: Celso M. Paciornik.

GOMES, Raquel Gryszczenko Alves. O lugar das trevas: Leituras e releituras de O Coração das Trevas em tempos de pós-modernismo. **Veredas da História**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.1-22, 2008.

HOCHSCHILD, Adam. **O fantasma do Rei Leopoldo**: uma história de cobiça, terror e heroísmo na África colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

JOHNSON, Celia Blue. "Coração das trevas". In: **Conversando com Mrs. Dalloway**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra. 2013.

LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia**. São Paulo: Boitempo, 2015.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

ROSSI, Paolo. **Naufrágios sem espectador**: a ideia de progresso. São Paulo: Unesp, 2000.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

TAG: novembro de 2016 Vitória. Porto Alegre: Impressos Portão, nov. 2016.

WESSELING, Hendrik Lodewijk. O Congo e a criação do Estado Livre: 1882 - 1885. In: _____. **Dividir para dominar**: a partilha da África 1880 - 1914. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. p. 83-146.